

ECOS DO LEGADO COSERIANO: EXPLORANDO O CONCEITO DE NÍVEL UNIVERSAL DA LINGUAGEM

Mateus PARDUCCI ¹ 

Article history: Received 15 July 2025; Revised 30 September 2025; Accepted 17 February 2026; Available online 30 March 2026; Available print 30 April 2026.

©2026 Studia UBB Philologia. Published by Babeş-Bolyai University.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License

ABSTRACT. *Echoes of the Coserian Legacy: Exploring the Concept of Universal Level of Language.* This article investigates the mobilization of Eugenio Coseriu's concept of the universal level of language in a sample of five academic studies (Faur, 2009; Willems, 2016; Schrott, 2021; Ruiz and Alegria, 2021; and Vucheva, 2012), taking into account the incomplete state of the discipline of general speaking, as repeatedly acknowledged by Coseriu himself. These works resort to the notion of the universal level in two main ways: as a “universality thermometer” — employed to assess the generality of certain linguistic phenomena — and as a theoretical source of inspiration for the formulation of new conceptual frameworks. It is observed, however, that these mobilizations are accompanied by an involuntary suppression of the underlying issue regarding the absence of a fully constituted linguistic discipline capable of addressing general speaking. I conclude that the appropriation of the notion of the universal level of language without reference to Coseriu's unfinished project contributes to the perpetuation of this epistemological gap. I thus advocate for the task of revisiting Coseriu's legacy in order to gather and systematize the scattered information on the universal level of language, thereby laying the groundwork for the constitution of a Linguistics of General Speaking.

Keywords: *Coserian legacy, universal level of language, general speaking linguistics, integral linguistics, linguistics activity*

¹ **Mateus PARDUCCI** é doutorando em Estudos da Linguagem na área de Estudos em Linguística Teórica e Descritiva, na linha de pesquisa de Estudos do Linguísticos do Texto, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e licenciado, com láurea acadêmica, em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, também, pela UFRN. Tem como interesse de pesquisa temas relacionados à linguística geral, à área de especialidade dos estudos linguísticos do texto, à epistemologia dos estudos linguísticos, à historiografia dos estudos linguísticos e ao ensino de linguística. Contato: mateus.parducci@ufrn.br

REZUMAT. *Ecouri ale moștenirii coșeriene: explorarea conceptului de nivel universal al limbajului.* Acest articol investighează circumscrierea conceptului coșerian de nivel universal al limbajului într-un eșantion de cinci studii academice (Faur, 2009; Willems, 2016; Schrott, 2021; Ruiz și Alegría, 2021; și Vucheva, 2012), având în vedere starea de incompletitudine a disciplinei lingvisticii în general, așa cum a fost ea reiterată de Eugenio Coseriu însuși. Aceste lucrări recurg la noțiunea de nivel universal al limbajului în două moduri principale: ca „barometru al universalității” — utilizat pentru a evalua generalitatea anumitor fenomene lingvistice — și ca sursă de inspirație teoretică pentru formularea unor noi cadre conceptuale. Se constată, însă, că aceste explorări sunt însoțite de o suprimare involuntară a problematicii absenței unei discipline lingvistice pe deplin constituite, capabile să dea seama de vorbirea în general. Conchid că această apropiere a noțiunii de nivel universal al limbajului, fără referire la proiectul trasat de către E. Coseriu, contribuie la perpetuarea acestui gol epistemologic. Susțin, așadar, necesitatea de a reevalua moștenirea coșeriană în scopul de a aduna și de a sistematiza informațiile dispersate despre nivelul universal al limbajului, pregătind astfel terenul pentru constituirea unei Lingvistici a Vorbirii în General.

Cuvinte-cheie: *moștenirea coșeriană, nivelul universal al limbajului, lingvistica vorbirii în general, lingvistica integrală, activitatea lingvistică*

1. Introdução

A noção de níveis² da linguagem aparece pela primeira vez na obra de Eugenio Coseriu em *Determinación y Entorno: dos problemas de una lingüística del hablar*. Nesse trabalho, Coseriu (1975 [1955]) concebe a linguagem verbal humana como o *hablar*, uma atividade heterogênea e complexa que pode ser distinguida (i) num falar textos, o falar conforme um entorno contextual particular e criar, a partir disso, um produto (texto), uma atividade individual; (ii) num falar línguas o falar conforme a tradição linguística de uma comunidade específica, uma atividade histórica (falar português, espanhol, italiano, francês, romeno); e (iii) num falar em geral, o ato linguageiro *per se*, uma atividade universal. A partir dessa distinção, Coseriu (1975 [1995]) sugere os três níveis da linguagem, um para cada dimensão do *hablar*: o individual, o histórico e o universal.

Essa perspectiva de olhar para a linguagem reaparece nas bases daquilo que, em trabalhos posteriores, Coseriu chama de Linguística Integral (LI), o

² Ao largo de sua obra, E. Coseriu varia no uso dos termos “plano” e “níveis” para falar das distinções do *hablar*. Neste trabalho, optamos por, daqui em diante, usar o termo “níveis”, a título de padronização.

marco homogêneo e unitário cujo objetivo é dar conta do saber que o falante mobiliza quando fala (Coseriu 1984). O marco da LI representa um dos principais pontos de interesse do corpo de pesquisadores que se propõe a dar continuidade à herança deixada pelo mestre romeno. Por meio do presente trabalho, pretendo somar às contribuições geradas por esse grupo.

A parte do legado coseriano a que me detenho é a noção de nível universal da linguagem – o que inclui os objetos que a orbitam (falar em geral, saber elocucional, designação, entre outros). Coseriu assume, em vários de seus trabalhos, que o falar em geral é o objeto de estudo de uma disciplina que precisa ser desenvolvida, isto é, sempre marcou a constituição dessa disciplina como uma tarefa pendente. Proponho-me neste trabalho a investigar algumas das posturas que têm sido assumidas por aqueles que se propõem a mobilizar essa noção, levando em conta esse estado de incompletude.

O cumprimento dessa tarefa presume a realização de uma incursão num amplo conjunto de teses, dissertações e artigos e, a partir disso, a constituição de um levantamento exaustivo dos estudos que se encaixam no escopo delimitado. No âmbito deste trabalho, no entanto, não foi possível realizar essa busca pormenorizada, inclusive em razão de limites linguísticos. Em função disso, proponho-me a conduzir uma investigação de caráter exploratório a respeito do tratamento que é dado à noção de nível universal em uma amostragem específica, constituída com base no meu próprio conhecimento sobre trabalhos atinentes a esse tema. Compõem essa amostragem os trabalhos de Faur (2009), Willems (2016), Schrott (2021), Ruíz e Alegria (2021) e Vucheva (2012).

Na seção 2, apresento o modo como esses autores e autoras recorrem à noção de nível universal da linguagem. Na seção 3, agrupo esses trabalhos conformes a finalidade subjacente ao uso dado ao conceito focalizado, na intenção de situá-los no bojo do desenvolvimento do legado coseriano. Na seção 4, apresento conclusões e encaminhamentos.

2. A mobilização da noção de nível universal da linguagem: termômetro de “universalidade” e objeto de inspiração

O trabalho de Faur (2009), intitulado *Integral Semantics and Conceptual Metaphor: Rethinking Conceptual Metaphor Within an Integral Semantics Framework*, recorre à LI para importar algumas de suas categorias no gesto de discutir os alcances e os limites da Semântica Cognitiva (SC) e, no vácuo disso, pensar ajustes teóricos para essa abordagem. A SC é um quadro que opera com a noção de metáfora como uma estrutura conceitual subjacente ao pensamento e com o princípio do *embodiment* (corporificação), segundo o qual os significados

linguísticos derivam de esquemas imagéticos corporais pré-linguísticos, projetados de domínios concretos para domínios abstratos (Faur 2009). Em *A VIDA É UMA JORNADA*, por exemplo, há o mapeamento conceitual de um domínio fonte (JORNADA) para um domínio alvo (VIDA), logo, pressupõe-se que o indivíduo organiza e constrói aspectos abstratos da experiência de viver por meio de elementos concretos e familiares da experiência de viajar ou caminhar.

Desde a sua consolidação no cenário dos estudos linguísticos, esse modelo tem sido alvo de críticas e, para Faur (2009), a longevidade da SC como proposta teórica depende de respondê-las. As críticas que populam o trabalho de Faur (2009) – que, por sua vez, populam um corpo de trabalhos de outros pesquisadores – direcionam-se principalmente (mas não apenas) à própria concepção de metáfora conceitual e o caminho que a autora toma frente às limitações que apresenta é recorrer à noção coseriana de saber elocucional e sugerir a metáfora conceitual como componente desse saber.

Para Coseriu (1980 [1973]), os três níveis da linguagem podem ser relacionados com três pontos de vista da tradição aristotélica, de modo a perspectivar a atividade languageira como *energéia* (a atividade propriamente dita, tomada em si mesma), como *dýnamis* (o conhecimento, o saber fazer, a técnica potencial) e como *érgon* (a atividade realizada em seus produtos). No entrecruzamento do nível universal da linguagem com o *dýnamis*, há o saber elocucional, a técnica do saber falar em geral, que se distingue do saber idiomático (no nível histórico) e do saber expressivo (no nível individual).

Na leitura de Faur (2009), integrar a metáfora ao saber elocucional implica aloca-la no nível universal da linguagem e, por consequência, separá-la dos níveis histórico e individual. Dessa forma, a metáfora seria um *saber expressar um conteúdo abstrato às vias de um concreto*, uma técnica que é “universal” no sentido em que não é própria de uma língua específica e que não é circunstanciada numa situação específica. Como o saber elocucional dos falantes ancora-se num conhecimento compartilhado sobre o mundo – fundo de experiência culturalmente sedimentado que permite aos falantes julgar a pertinência, a propriedade e a inteligibilidade das expressões linguísticas – o conceito de metáfora passaria por uma reconfiguração: além de ser produto de estruturas corporais universais internalizadas nos estágios iniciais da vida, a metáfora seria consequência do conhecimento sobre as “coisas”, dos eventos, dos princípios que regem a realidade.

Outra distinção que Faur (2009) importa do marco teórico coseriano é a dos níveis de funcionalidade (ou de conteúdo). Coseriu (1980 [1973]) postula que a cada nível da linguagem corresponde um nível de funcionalidade, “três estratos do significar ou tipos de ‘conteúdo’ linguístico” (99). A designação, no nível universal, é a referência à “realidade”, a relação cada vez determinada

entre uma expressão linguística e um “estado de coisas”; o significado, no nível histórico, é o conteúdo de um signo ou de uma expressão enquanto dado numa determinada língua e exclusivamente através dessa mesma língua; e o sentido, no nível individual, é o conteúdo de um texto, isto é, a intenção comunicativa subjacente à atitude languageira de um indivíduo, numa circunstância específica. A autora resgata esse corpo de conceitos para situar a metáfora conceitual no plano da designação, sugerindo-a como uma atualização semântica situada, condicionada pelo conhecimento enciclopédico do falante (o saber elocucional) e pelos esquemas imagético-corporais.

O trabalho de Willems (2016), intitulado *The universality of categories and meaning: a Coserian perspective*, também recorre à tríplice distinção de níveis de funcionalidade e aos três saberes, mas para explorar questões que se situam no campo dos estudos em tipologia linguística, uma área que se dedica a comparar as línguas do mundo, a identificar as diferenças estruturais e funcionais das línguas, bem como analisá-las em termos de padrões que se repetem e que se evitam. O autor explora o particularismo categorial, uma visada de estudo tipológico para a qual a descrição das línguas deve ser realizada em seus próprios termos, postura que se distancia da prática de análise tipológica de estabelecer categorias universais *a priori* (nome, verbo, sujeito, predicado, passiva) para, em seguida, buscá-las nas línguas existentes. Frente a isso, Willems (2016, 111) levanta duas questões:

- (1) Como identificamos os significados que se pressupõem como comensuráveis em diferentes línguas e com os quais nos situamos no domínio da “substância” geral, e não de significados específicos de uma língua?
- (2) Qual é a relação entre as categorias particulares de uma língua e os conceitos comparativos, chamados de translinguísticos, que são comumente usados na tipologia linguística?³

Para responder à questão (1), Willems (2016) sugere reconhecer os significados comensuráveis – o termo “significado” é usado no valor de *meaning*, como conteúdo e não como *funcionalidade do nível histórico* – como conceitos elocucionais, no nível universal da linguagem. Os significados comensuráveis são aqueles que, mesmo expressos de maneiras diferentes em diferentes línguas, podem ser colocados numa relação de comparação funcional porque

³ Trecho original: “(1) How do we identify the meanings that are assumed to be crosslinguistically commensurable and with which we find ourselves in the realm of general “substance” rather than language-specific meanings? (2) What is the relationship between language-particular categories and comparative, so-called crosslinguistic concepts that are commonly used in linguistic typology?”.

fazem referência a coisas, eventos, entidades, princípios ou experiências relativamente universais. A noção de posse, por exemplo, seria um significado comensurável e, portanto, um conceito elocucional. Na esteira desse raciocínio, a resposta à questão (1) encaminha a um procedimento para a identificação desse conceito elocucional numa determinada língua: é preciso saber se a posse é formalmente codificada nessa língua ou não e, se sim, determina-se a qual conhecimento idiomático esse conceito corresponde naquela língua específica. Essa parte do procedimento coloca o analista no terreno do nível histórico, afinal, passa-se à procura do conjunto de significados (oposições funcionais do sistema linguístico interno) que representa a posse na língua alvo, de modo a reconhecer, por exemplo, se a posse é marcada lexical ou gramaticalmente e se há distinção de graus de especificidade (alienável e não-alienável).

Se a posse não é idiomáticamente codificada, Willems (2016) sugere a possibilidade de ela ser elocucionalmente inferida. Na língua inglesa, a estrutura gramatical tradicionalmente reconhecida como genitivo ('s) e a construção com *of* são utilizadas para marcar posse, mas não somente. Em *the table's leg* e em *the leg of the table* ambos os elementos expressam posse, mas não em *tuesday's lecture*, *Rome's destruction*, e em *a piece of cake*. O fato de as mesmas estruturas 's e *of* repetem-se em todos os casos, mas expressam relações distintas é a pedra angular na qual Willems (2016) sustenta a afirmação de que o falante de língua inglesa recorre ao saber elocucional para designar a relação de posse – nesse caso, recorre-se ao conhecimento de que uma mesa é um objeto com estruturas cujas partes se assimilam a pernas.

Para responder à questão (2), Willems (2016) faz recurso a um outro valor teórico de “universal” que povoa a obra coseriana, ou seja, recorre não à concepção de nível da linguagem, mas à distinção entre universais essenciais, empíricos e possíveis. Como a noção de universais não passa pelo conceito de nível universal da linguagem, a questão (2) não é pertinente para a discussão.

Dito isso, o papel da noção de nível universal, no trabalho de Willems (2016), é acomodar o conceito de significados comensuráveis numa proposta de estudos tipológicos que segue a vertente do particularismo categorial. Para fazer isso, o autor sugere reconhecer os significados comensuráveis, os quais podem aparecer elocucionalmente inferidos numa língua que porventura não os codifica idiomáticamente.

Assim como Faur (2009), Willems (2016) lança mão da proposta coseriana na intenção de discutir os limites e de expandir os alcances dos quadros teóricos sobre os quais se debruçam. Ambos, quando recorrem à noção de nível universal da linguagem, a tomam como uma espécie de termômetro, cuja serventia é mensurar o grau de “universalidade” (no sentido coseriano de nível) do fenômeno que subjaz ao construto teórico com o qual estão lidando. Enquanto

Faur (2009) mede a “universalidade” da metáfora conceitual, Willems (2016) mede a “universalidade” dos significados comensuráveis.

O trabalho de Schrott (2021), intitulado *Eugenio Coseriu and Pragmatics* se distancia dos trabalhos resenhados anteriormente, afinal, ela vê na distinção tríplice do *hablar* uma estrutura conceitual que se pode aproveitar no empreendimento de criar uma teoria integrada da pragmalinguística. A autora argumenta que a pragmalinguística opera com um corpo heterogêneo de fenômenos (cognitivos, semióticos, linguísticos, históricos, culturais) e que a noção de níveis da linguagem oferece um caminho para distingui-los de forma coerente, ao mesmo tempo que conserva uma postura integralista de investigação.

Com isso em mente, Schrott (2021) sugere que, para cada nível da linguagem, haveria um campo de estudos pragmático específico, isto é, uma pragmática universal, uma pragmática da língua e uma pragmática das tradições discursivas. Atenho-me àquilo que Schrott (2021) preconiza para a pragmática universal.

Os princípios e regras universais constituem o objeto central de investigação da pragmática universal, que se concentra em habilidades cognitivas e comunicativo-semióticas fundamentais, e busca explorar regras e unidades universais da fala. A perspectiva sobre o falar é universal; o objetivo é encontrar regras, unidades e categorias universais do falar que sejam válidas em todas as línguas e culturas [...] A pragmática universal ocupa-se de regras e princípios que assumem forma em línguas particulares, mas que não fazem parte dessas línguas.⁴ (Schrott 2021, 216-217).

Os chamados princípios e regras universais, que, por sua vez, incluem habilidades cognitivas e comunicativo-semióticas fundamentais, são, segundo Schrott (2021), elementos que compõem o saber elocucional. Além disso, a autora aponta que a noção de atos de fala e o princípio de cooperação – conceitos vinculados, respectivamente, a J. R. Searle e a H. P. Grice – são frutos de estudos que se aproximam de uma abordagem pragmática universal, afirmação que permite inferir que os fenômenos subjacentes a essas noções teóricas seriam de ordem universal. Com base nesses dados, é possível afirmar que a autora toma a distinção coseriana como objeto de inspiração para o

⁴ Trecho original: “The universal principles and rules form the central object of investigation of universal pragmatics, which focuses on fundamental cognitive and communicative-semiotic abilities and aims to explore universal rules and units of speech. The perspective on speaking is universal; the aim is to find universal rules, units and categories of speaking that are valid in all languages and cultures [...] Universal pragmatics is thus concerned with rules and principles that take shape in particular languages, but are not part of these languages [...]”

redirecionamento de um programa de investigação científica específico, e a noção de nível universal é, nesse sentido, uma das referências teórico-epistemológicas que entram em jogo nesse processo de estabelecimento de relações entre um quadro teórico fonte, o marco coseriano, e um quadro teórico alvo, a pragmalinguística.

O mesmo ocorre em Vucheva (2012), contudo, nesse caso, o quadro teórico alvo é um de postulação própria, um que a autora chama de marco global da linguística do falar. No artigo intitulado *Tesis sobre la lingüística del hablar*, propõe-se um marco teórico que, apesar de lembrar o marco coseriano em vista do nome que recebe, opera com categorias próprias que lhe conferem uma identidade, ao mesmo tempo em que se ancora em alguns postulados da LI. Em linhas gerais, ao passo que se aproxima da LI por se inspirar nos três níveis da linguagem (ela usa o termo “planos”) e nos três níveis de funcionalidade, o marco de Vucheva (2012) toma distância quando baliza os objetos que populam o modelo em aspectos languageiros de ordem cognitiva e psicossocial.

Por um lado, como o marco de Vucheva (2012) é outro, seria incongruente verticalizar aquilo que ela propõe como plano universal alegando tratar-se de uma mobilização – às vias de, por exemplo, uma reconfiguração – da noção coseriana de nível universal da linguagem. Por outro, o gesto de apresentar as categorias que a autora sugere para esse plano serve para ilustrar a distância com a qual se mantém do marco da LI.

Vucheva (2012) afirma que a designação (tal qual postulada por Coseriu) corresponde a uma competência cognitiva que, por sua vez, envolve processos mentais de conhecimento e de categorização. Por definir esse paradigma do marco recorrendo a aspectos de natureza cognitiva, os quais não estão acomodados no quadro teórico fonte (a LI), a própria noção de competência cognitiva é uma das forças que empurra a proposta de Vucheva (2012) para longe do marco coseriano. Nesse mesmo sentido, afirma-se que as unidades correspondentes à designação, o conceito e o juízo, são as operações mentais que organizam o mundo do ponto vista lógico e, por isso, não são próprias de uma língua específica. As categorias vinculadas a essas unidades, por sua vez, são estruturas de natureza lógica e mental, que refletem os critérios racionais que regulam a estruturação de proposições válidas sobre o mundo. É notória, portanto, a orientação de corte cognitivista incutida na noção de plano universal da linguagem de Vucheva (2012). Afirmar que o plano universal é de caráter lógico-mental serve, por fim, para reiterar que a postura de Vucheva (2012) frente ao marco teórico coseriano não é uma de continuidade, mas, no máximo, de inspiração.

Em Vucheva (2012), Faur (2009), Willems (2016) e Schrott (2021), há um traço transversal, que existe à despeito das diferenças que os trabalhos

conservam entre si: no processo de cumprir seus respectivos objetivos, estabelece-se uma relação entre um quadro teórico fonte, a estrutura conceitual à qual se recorre para resgatar conceitos, e um quadro teórico alvo, a estrutura conceitual que sofre alterações em função da chegada do conceito resgatado. Nos trabalhos resenhados até aqui, o quadro teórico fonte sempre é o marco teórico coseriano.

O trabalho de Ruiz e Alegría (2021) segue um caminho diferente, pois objetivam caracterizar “[...] o objeto e os objetivos da disciplina encarregada das regras e procedimentos dos quais dispõem a língua para construir textos: a gramática do texto.” (17)⁵. Como os autores operam com a noção de gramática de texto como o nível de estruturação da língua, no nível histórico da linguagem, é possível afirmar que, diferentemente dos demais trabalhos, Ruiz e Alegría (2021) tomam o marco coseriano como quadro teórico alvo.

A dêixis fórica é, segundo os autores, uma das manifestações linguísticas que integram o objeto de estudo da gramática do texto. Há, no entanto, um conjunto específico de fenômenos relativos à dêixis fórica que fogem ao escopo dessa disciplina e, para demonstrar isso, Ruiz e Alegría (2021) recorrem à Teoria da Acessibilidade, tal qual postulada por Mira Ariel. Essa teoria opera com o princípio de que as expressões referenciais (as estruturas linguísticas usadas para manter, recuperar ou estabelecer as referências, eventos ou partes da própria instância de linguagem que já foram mencionados ou que já foram introduzidos no discurso) funcionam como indicadores de quanto ativa está a representação mental do referente na memória do interlocutor, ou seja, o quanto “acessível” ela está. A teoria organiza-se em dois conjuntos de princípios, os que regulam as variáveis para calcular o grau de acessibilidade e os que regulam as características das expressões que indicam o grau de acessibilidade.

Ruiz e Alegría (2021) argumentam que a escolha por uma ou por outra expressão inferencial é fruto de um cálculo que o falante executa para ajustar o grau de acessibilidade do referente e que os conjuntos de princípios representam os critérios que se entrecruzam nesse cálculo. Segundo os autores, tais critérios podem ser mobilizados para uma descrição das expressões referenciais de forma independente da língua na qual são codificadas. Com base nisso, Ruiz e Alegría (2021) argumentam que os princípios do cálculo de acessibilidade formam parte do nível universal da linguagem, especificamente, no âmbito do saber elocucional.

Em síntese, o processo de situar o conjunto de fenômenos sobre o qual se debruça a Teoria da Acessibilidade no nível universal da linguagem é um gesto necessário para distinguir os fenômenos que constituem e os que não constituem o objeto de estudo imediato da gramática do texto. Nesse sentido, o

⁵ Trecho original: “[...] el objeto y objetivos de la disciplina encargada de las reglas y procedimientos de los que disponen las lenguas para construir textos: la gramática del texto.”

a noção de nível universal da linguagem em Ruiz e Alegria (2021) é, também, usada como termômetro de “universalidade”, mas não da mesma forma como em Faur (2009) e Willems (2016), afinal, nesses dois casos, a finalidade não é rever um aspecto do quadro teórico coseriano.

3. A disciplinarização da Linguística do Falar em Geral: tarefa pendente

Com base no que foi levantado na seção anterior, os cinco trabalhos podem ser organizados em dois grupos, cujo critério de composição é a finalidade subjacente ao uso da noção de nível universal. Faur (2009), Willems (2016) e Ruíz e Alegría (2021) formam um grupo, com base no fato de que recorrem a esse conceito coseriano para reconhecer o que há de universal no corpo de conceitos sobre o qual se debruçam e, em função disso, rever os alcances dos quadros teóricos que lhe interessam. O que os diferencia são os quadros teóricos que são alvo de contribuição: a SC para Faur (2009), os estudos tipológicos para Willems (2016) e a gramática do texto para Ruíz e Alegría (2021).

Schrott (2021) e Vucheva (2012) formam outro grupo. O que as une é o recurso à noção de nível universal como um aporte teórico de referência, de inspiração para a constituição de uma outra proposta, no caso de Schrott (2021), uma disciplina universal da pragmalinguística e, no caso de Vucheva (2012), um marco global da linguística do falar que leva em consideração aspectos de natureza cognitiva e psicossocial.

Independentemente das diferenças, todos esses trabalhos assumem a noção de nível universal (e os conceitos que a orbitam) no estado em que se encontra nos trabalhos de Coseriu, sem tomar em consideração a incompletude desse estado, inclusive, assumida pelo próprio linguista. No *Determinación y Entorno*, por exemplo, Coseriu (1979 [1955]) reivindica que a linguística de meados da década de 50 deve levar em conta a distinção tríplice da atividade languageira, de modo a reconhecer que para cada um dos três níveis da linguagem deve haver uma disciplina específica: uma linguística das línguas, uma do texto e uma do falar em geral. Para Coseriu (1975 [1955]), já estava consolidada uma linguística das línguas (na forma, sobretudo, do estruturalismo europeu) e já havia práticas de estudos linguísticos que encaminhavam a uma pretensa linguística do texto, mas não havia, de nenhuma forma, uma linguística do falar em geral, no nível universal da linguagem.

De fato, existe, e está solidamente constituída, a linguística das línguas, isto é, do falar no nível histórico. Existe, desse modo, uma linguística do texto, ou seja, do falar no nível particular (que é também estudo do

‘discurso’ e do respectivo ‘saber’). A chamada ‘estilística da fala’ é, justamente, uma linguística do texto. Por outro lado, não existe como disciplina constituída a linguística do falar Κατ’ἐνέργειαν [a atividade como tal] no nível universal [...]⁶ (Coseriu 1979 [1955], 214).

Já no *Determinación y Entorno*, há o esforço de Coseriu em dar uma resposta a esse problema. O autor esboça uma *Gramática do Falar*, a disciplina que se ocupa da técnica geral do falar e cujo objetivo é determinar-lhe suas funções e seus instrumentos (Coseriu 1975 [1955]). Dentro dos limites em que opera, a proposta desenhada de Coseriu (1975 [1955]) assume um caráter embrionário e não chega a ser retomada para ser desdobrada.

30 anos após *Determinación y Entorno*, num curso ministrado na *Universidad Nacional Autónoma de México*, Coseriu novamente recorre aos níveis da linguagem para examinar a linguística e sua época e, novamente, o problema da ausência de uma disciplina para o nível universal marca presença. *Hacia la Lingüística Integral* é o título que Coseriu deu à transcrição⁷ desse curso, onde apesar de avançar na caracterização dos fenômenos que compõem o nível universal, deixa várias questões em aberto. Por exemplo, ao empreender na especificação das funções próprias a cada um dos níveis, o autor assume o estado preliminar no qual se encontram as ferramentas necessárias à descrição das funções próprias do nível universal: “Infelizmente, não temos, ainda, nem mesmo os termos para distinguir, em cada caso, as funções do falar. Essas funções são provavelmente como as espécies lógicas de Leibniz das quais já falamos, na realidade, infinitas.” (Coseriu 1975, parte VII, 13).

Um último material em que se reitera o inacabamento do empreendimento disciplinar para os fenômenos do nível universal da linguagem é em *Decir las cosas como son: Conversaciones con Eugenio Coseriu* (Kabatek e Murguía, 2021 [1997]), especificamente, na entrevista intitulada *La lingüística integral*.

Tratava-se, portanto, de desenvolver uma linguística integral do falar, já fora do saussurianismo [...]. Tratava-se, em primeiro lugar, de uma linguística do falar em geral e do uso linguístico, uma linguística cujos fundamentos se apresentam em *Determinação e entorno*. (Kabatek e Murguía 2021 [1997], 236)

Independentemente do estado da linguística que examinava – a de meados da década de 50, a de meados da década de 70 ou a do fim da década de

⁶ Trecho da edição brasileira do *Teoría del lenguaje y lingüística general: cinco estudios*, pela editora Madrid. Essa obra é uma coleção de cinco trabalhos, dentre os quais está o *Determinación y Entorno: dos problemas de una lingüística del hablar*, que, por sua vez, foi originalmente publicado no número VII da *Romanistisches Jahrbuch*, em 1955.

⁷ Manuscrito acessível no *Coseriu-Archiv*, site hospedado pela *Eberhard Karls Universität Tübingen*.

90 – Coseriu nunca deixou de apontar à necessidade de uma linguística do falar em geral, isto é, sempre marcou a constituição dessa disciplina como uma tarefa pendente. Na esteira desse raciocínio, o fato de que Faur (2009), Willems (2016), Schrott (2021), Ruiz e Alegria (2021) e Vucheva (2012) recorrem à noção de nível universal sem passar por perto da problemática que lhe é intrínseca, por um lado, não é uma postura que invalida as pesquisas nas quais empreendem, mas, por outro, assumi-la (mesmo que não intencionalmente) é jogar para debaixo do tapete (ainda mais) um encargo que já espera mais de 60 anos espera para ser finalizado.

4. Conclusão

Neste trabalho, conduzi um sobrevoo acerca da mobilização da noção coseriana de nível universal da linguagem numa amostra de trabalhos específica. No exame em que empreendi, atestei que a noção de nível universal da linguagem povoa os trabalhos para desempenhar duas funções: a de termômetro de “universalidade” (recorre-se àquilo que Coseriu preconiza para esse nível para caracterizar um fenômeno que poderia povoá-lo); e a de objeto de inspiração (recorre-se ao objeto observacional, ao fenômeno empírico que subjaz ao conceito de nível universal para servir de referência para um postulado teórico distinto).

Também atestei que o resgate ao conceito de nível universal da linguagem não é acompanhado pelo resgate da tarefa pendente de constituição de uma disciplina do falar em geral, recorrentemente marcada pelo próprio Eugenio Coseriu ao largo de sua obra. Mesmo sabendo que essa tarefa não é um objetivo em nenhum dos trabalhos que resenhei e que a ausência da remissão a esse encargo não finalizado não diminui as suas contribuições, argumento que o recurso ao nível universal da linguagem, uma vez acompanhado da supressão involuntária da problemática que lhe é intrínseca, é um fator que pode contribuir para mantê-la no estado de esboço.

Dito isso, faz-se necessário revisitar o legado coseriano na intenção de realizar uma sistematização das informações sobre o nível universal da linguagem. A obra coseriana não conta com um trabalho que sirva ao nível universal da linguagem, por exemplo, do mesmo modo que o *Linguística del texto: introducción a la hermenéutica del sentido* (Coseriu 2007) serve ao nível individual. Em Coseriu (2007), quem procura os fundamentos da Linguística do Texto encontrará um objeto (texto), os princípios que regem o seu funcionamento e uma heurística que guia a sua análise. Em contrapartida, quem procura os fundamentos da Linguística do Falar em Geral (objeto, princípios e heurística)

um trabalho no mesmo paradigma, mas um conjunto de pressupostos dispostos de forma esparsa em diferentes obras. Essa realidade conduz, portanto, a resgatar essas informações esparsas, na intenção de dá-las uma organização e, principalmente, uma sistematicidade.

TRABALHOS CITADOS

- Coseriu, Eugenio. 1979 (1955). “Determinação e Entorno: dois problemas de uma Linguística do Falar”. In Coseriu, Eugenio. *Teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos*. 209-238. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Coseriu, Eugenio. 1980 (1973). “Criatividade e técnica linguística. Os três níveis da linguagem”. In Coseriu, Eugenio. *Lições de linguística geral*. 91-100. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- Coseriu, Eugenio. 1975. “*Hacia la lingüística integral*”. Manuscrito. Coseriu-Archiv, Universitätsbibliothek Tübingen.
- Coseriu, Eugenio. 1984. “Fundamentos y tareas de la lingüística integral.” In *Actas del Segundo Congreso Nacional de Lingüística*, 37-53. San Juan, Argentina: Universidad Nacional de San Juan.
- Coseriu, Eugenio. 2007. “Lingüística del texto: Introducción a la hermenéutica del sentido”. Ed. y anot. de Óscar Loureda Lamas. Madrid: Arco/Libros.
- Faur, Elena. 2009. “Integral Semantics and Conceptual Metaphor: Rethinking Conceptual Metaphor Within an Integral Semantics Framework.” *Cognitive Semiotics*, 5 (1-2): 108-139.
- Kabatek, Johannes, and Adolfo Murguía. 2021. “*El estado de la lingüística*.” In “*Decir las cosas como son...*” *Conversaciones con Eugenio Coseriu*, editado por Johannes Kabatek e Adolfo Murguía. Sevilla: Editorial Universidad de Sevilla.
- Ruiz, Ramón Gonzales, and Damazo Izquierdo Alegría. 2021. “El hablar y las lenguas.” In *Manual de lingüística del hablar*, editado por Óscar Loureda e Angela Schrott, Walter de Gruyter GmbH & Co KG.
- Schrott, Angela 2021. “Eugenio Coseriu and Pragmatics.” In *Eugenio Coseriu: Past, Present and Future*, editado por Klaas Willems e Cristinel Munteanu, Walter de Gruyter GmbH & Co KG.
- Vucheva, Eugenia. 2012. “Tesis sobre la lingüística del hablar.” *Pragmalingüística* 20: 279-293. <https://doi.org/10.25267/Pragmalinguistica.2017.i25>.
- Willems, Klaas. 2016. “The Universality of Categories and Meaning: A Coserian Perspective.” *Acta Linguistica Hafniensia* 48 (1): 110-133. <https://doi.org/10.1080/03740463.2016.1141565>.

